



Mercado X pátria: a transnacionalização do esporte e os “europeus” do futebol brasileiro

Simoni Lahud Guedes

Professora adjunta da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil

Doutora em Antropologia Social

RESUMO:

Nas duas últimas décadas do século XX, os maiores *craques* brasileiros transformaram-se em jogadores de clubes europeus, sendo denominados, pela imprensa, no contexto das Copas do Mundo, como *estrangeiros* ou *europeus*. Estas categorias sinônimas concentram um debate mais amplo que opõe os mercados transnacionais às nações, tema desta comunicação, desenvolvido em dois momentos. No primeiro, se buscará sintetizar uma visão da dialética homogeneização/diversificação através do futebol, o que permitirá elaborar a relação transnacionalismo/nacionalismo tal como se apresenta neste domínio social. No segundo, será exposto um dos efeitos deste processo, que se configurou a partir da derrota do selecionado brasileiro na Copa do Mundo de 1998, desenvolvendo-se posteriormente durante a Copa do Mundo de 2002, trazendo uma

forma inédita de avaliação do desempenho do selecionado, através da produção de novas categorias ordenadoras deste campo simbólico.

PALAVRAS-CHAVE: futebol brasileiro – nação – heróis nacionais - transnacionalismo

Reverberações da história nos campos de futebol

O futebol tem sido, no Brasil, um veículo importante para a elaboração de representações coletivas sobre a nação e o seu “povo”, temática com a qual venho trabalhando há alguns anos (GUEDES, 1998).

Apenas algumas décadas após sua introdução no Brasil, ao final do século XIX, esta específica prática esportiva assume um lugar privilegiado neste campo simbólico, atuando como um poderoso veículo para uma série de representações, como significante que comporta os mais diversos significados. Para este processo são de igual importância sua rápida difusão e popularização, tanto no Brasil quanto no exterior, a criação e expansão de uma imprensa esportiva e algumas formas de apropriação política de que é objeto ao longo deste século. Pelo menos desde a década de 1930, debatendo os desempenhos e os resultados dos jogos de futebol são debatidas e construídas visões mais ou menos elaboradas sobre o Brasil e os brasileiros, visões que elegem determinados aspectos como peculiares e, por essa via, reivindicam para a nação e seu “povo” um lugar no mundo. Este processo multifacetado, que muito tardiamente foi incluído na reflexão dos cientistas sociais e historiadores, permite acessar fórmulas pouco explicitadas de representação coletiva e, talvez por isso mesmo, mais atuantes e eficazes na auto-concepção da brasilidade.

Alguns fenômenos recentes, ao introduzirem determinadas questões e categorias neste debate, que ocorre, em princípio, apenas no campo esportivo, podem ser

examinados como contribuição para a reflexão acerca das relações entre as representações sobre as nações e o transnacionalismo característico da forma moderna da economia capitalista.

É relevante, para a devida compreensão desta temática, compreender a forma como a História reverbera em um domínio social secundário, que, aparentemente, não envolve ou, no mínimo, abstrai as questões consideradas como mais relevantes na vida social (econômicas, políticas, relativas à família e parentesco, por exemplo). Este domínio social é concebido como produzindo uma história própria que pouca ou nenhuma relação tem com os eventos históricos mais gerais e decisivos. Isto é particularmente evidente nas competições internacionais denominadas como Copas do Mundo de Futebol, promovidas pela FIFA¹ que, no caso brasileiro, são vividas como que num tempo suspenso, semelhante ao tempo mítico², que aciona intensamente a memória das participações do selecionado brasileiro nas versões anteriores da competição, obscurecendo a memória sobre outros aspectos da vida social. Esta é uma propriedade do domínio dos “jogos”, em geral, que é ampliada e potencializada em competições internacionais de grande prestígio como é a Copa do Mundo. É, aliás, esta característica que faz com que, muitas vezes, os esportes e o futebol em particular sejam interpretados como “ópio do povo”, ou seja, como atividades que desviam e distraem a atenção das questões mais importantes do cotidiano. Uma análise mais cuidadosa dos processos simbólicos em atuação neste campo, entretanto, conduz a conclusões distintas pois suspender o tempo não significa suspender a história e, muito menos, deixar de debater no campo esportivo, através de metáforas ou explicitamente, as questões que

¹ Fédération Internationale de “Football Association”, federação em cuja denominação se expresa seu caráter internacional: nomeada em francês por ter sido fundada em Paris em 21 de maio de 1904 (Fédération Internationale de...) reproduz a denominação, em inglês, já consagrada deste esporte (football association). Os dados sobre esta, atualmente, poderosíssima entidade que organiza o futebol mundial, podem ser consultados no site www.fifa.com.

atravessam a vida cotidiana. E a História penetra, algumas vezes imperceptivelmente, fazendo com que as questões de cada conjuntura específica sejam elaboradas nas avaliações que são feitas do desempenho do selecionado brasileiro nos campos de futebol. Este processo fica bastante evidente na Copa do Mundo de 1998, ocorrida na França: as questões incorporadas pela discussão desta copa são as que dominam o debate sócio-político do final do século.

Estabelecidas estas proposições básicas, este texto prosseguirá em torno de dois pontos. No primeiro pretendo sintetizar uma visão da dialética homogeneização/diversificação através do futebol, o que permitirá elaborar a relação nacionalismo/transnacionalismo tal como se apresenta neste domínio social. No segundo pretendo expor um dos efeitos deste processo que se configurou a partir da derrota do selecionado brasileiro de 98 na França, trazendo uma forma inédita de avaliação do desempenho do selecionado, através da produção de novas categorias ordenadoras deste campo simbólico.

O valor do “estilo nacional” em um mercado internacional

Os esportes constituíram-se, particularmente a partir do século XIX, e, em geral, tendo como centro irradiador a Inglaterra, em fenômeno essencial da modernidade. Nesta época e lugar, ocorre a recriação, normalização e regulamentação de uma série de atividades, antes compreendidas como simples passatempos, transformando-as em “esportes”. A análise deste fenômeno ocupa lugar central, por exemplo, na concepção de Norbert Elias³ sobre o processo civilizatório. Os esportes, nesta perspectiva, são concebidos como práticas que, ao mesmo tempo, representam e recriam a moderna

² Para uma discussão mais extensa acerca de algumas formas de concepção do tempo e memória no

domesticação das emoções, funcionando como pedagogias acerca de formas específicas de autocontrole. Difundem o *habitus moderno*. São também concebidos, de certo modo, como os espaços controlados nos quais podem, contidamente, serem exteriorizadas as emoções.

Sem pretender explorar com o cuidado que merece a abordagem de Elias e Dunning deve-se acentuar que é, sem dúvida, como uma espécie de “missão civilizatória” da ocidentalidade que os esportes, de uma maneira geral, se difundem pelo mundo. Alcançam, como sabemos, uma extensão sem precedentes no século XX, intimamente associada à ampliação e sofisticação dos meios de comunicação.

De todas as modalidades esportivas, sabe-se, também, que o futebol foi a que alcançou a maior difusão, transformando-se, ao longo do século XX, como expressa um refrão muito utilizado pela imprensa esportiva, no “esporte mais popular do mundo”. Segundo dados recentes divulgados pela FIFA⁴, há, no mundo, mais de 200 milhões de jogadores federados, contando a referida federação internacional com mais de 200 membros associados que são, por definição, “associações nacionais”⁵. Evidentemente, isso implica em um número de praticantes e assistentes quase incomensurável. Estes poucos números demonstram ser o futebol, sem dúvida, uma das práticas mais facilmente reconhecíveis e inteligíveis onde quer que se encontre.

Trata-se, assim, de uma prática que não reconhece fronteiras. Chegou ao final do século mobilizando milhões de pessoas e movimentando cifras astronômicas. Não é um dos resultados menos expressivos deste processo de difusão e popularização ímpares do futebol, a constituição e extraordinária expansão de um mercado internacional em que,

futebol brasileiro ver Guedes (2000^a).

³ Ver, dentre a extensa bibliografia do autor, Elias e Dunning, 1992.

⁴ Dados constantes no site já citado.

⁵ No documento de fundação da FIFA um dos pontos fundamentais é, justamente, esse: o que denominam de “recíproco e exclusivo reconhecimento de associações nacionais de futebol”. No caso brasileiro, a criação de uma “associação nacional” resultou de uma intensa luta intestina (ver Caldas, 1990).

se tudo se negocia, as principais mercadorias são, sem sombra de dúvida, os jogadores de futebol. Embora a negociação de jogadores para o exterior seja um fenômeno já quase secular, as dimensões assumidas por este mercado nas últimas décadas do século XX são absolutamente inauditas. O potencial significacional deste fenômeno é também extraordinário pois se jogadores têm pátria, mercadorias não têm.

Na verdade, a colocação em operação de princípios de recrutamento e afiliação distintos mas, quase sempre, “encaixados”, é um dos aspectos sedutores dos esportes. É possível identificar-se simultaneamente e, às vezes, com emoção equivalente, com o time da rua, o clube da pequena cidade, o clube da metrópole, os selecionados regionais e nacionais. Mas a internacionalização do mercado de jogadores de futebol impõe uma problematização nova nesta ordenação simbólica. Voltarei a este ponto adiante.

Ademais, a expansão moderna do futebol é, também, um excelente exemplo de como a difusão de práticas e idéias específicas coloca em operação uma complexa dialética entre homogeneização e diversificação, alteridade e identidade⁶.

Isto porque o futebol e os esportes em geral, arautos que são das corporalidades, práticas e sensibilidades modernas, difusores de idéias como a do *fair-play*, um dos ícones de uma linguagem cada vez mais mundializada, reproduzem esta dialética não tão moderna em diversos níveis e instâncias. Quero aqui acentuar dois aspectos da diversificação que é propiciada pelo futebol.

Em primeiro lugar, esta prática transnacional, exatamente por ser mundialmente difundida e internacionalmente conhecida, tem se constituído em um dos mais importantes espaços simbólicos nos quais se refugiam as idéias de nação e de nacionalidade. De fato, os eventos ligados aos esportes propiciam alguns dos espaços nos quais as nações são produzidas como “comunidades imaginadas” (ANDERSON,

1991; HALL, 1999). De certo modo, quanto mais as fronteiras dos estados-nações são penetradas pela economia transnacional e por uma ordem política mundializada, mais significativas se tornam as formas modernas assumidas pelas identidades nacionais, bem como os veículos de que se servem. Neste processo, as mais diversas competições esportivas vêm se constituindo, em todo o mundo, em verdadeiros ritos nacionais, operando-se no espaço e tempo esportivos recriações simbólicas das fronteiras e das diversidades nacionais colocadas em confronto. Como argumenta Roberto DaMatta (1979), é exatamente por serem extremamente fragmentadas que as sociedades modernas tendem a multiplicar os rituais nacionais – dentre eles, os rituais esportivos –, como formas de reforço e recriação da totalidade social, função desnecessária nas sociedades tribais, já totalizadas. Poderíamos também dizer, acerca do futebol, que é exatamente por ser tão difundido e valorizado mundialmente que se apresenta como um veículo tão significativo para recriar a totalidade e, ao mesmo tempo, a diversidade nacional.

Em segundo lugar – e, muito provavelmente, como um corolário deste primeiro aspecto – o futebol tem sido apropriado dos modos mais diversos. Quero acentuar, aqui, particularmente, a dimensão simbólica cristalizada na noção de *estilo nacional*.

No futebol à brasileira, por exemplo, situa-se o *craque* e o desempenho individual *habilidoso* no centro das concepções. Em face do modo como é representado o uso social do corpo através do futebol, no Brasil, valoriza-se, acima de tudo, uma forma de jogar designada, muitas vezes, como *futebol-arte*⁷, categoria que se opõe e contrasta com a de *futebol-força*, considerada como característica dos *européus*⁸. Sob a

⁶ Tema de que se ocupa Lévi-Strauss (1976) no clássico “Raça e História”. Uma reflexão recente, na mesma direção, encontra-se em Hall (1999).

⁷ Ver, dentre muitos outros, DaMatta (1994) e Guedes (1998).

⁸ De um modo mais amplo, todo o futebol latino-americano, particularmente o argentino e o uruguaio, são classificados, no Brasil, contrastivamente em relação ao futebol europeu como enfatizando a *habilidade*. Contudo, estas representações sociais são bastante mais complexas e não podem ser analisadas aqui pois

classificação geral de *futebol-arte*, são ensinadas e estimuladas técnicas e habilidades associadas ao desempenho individual tais como *driblar*, *fintar*, *enganar o adversário*, *ter jogo de cintura*, *ter toque de bola*, *ter domínio de bola*, em suma, *ter técnica individual* e fazer o que se denomina *um futebol bonito*. Investe-se, portanto, na produção de *craques* que incorporam a valorização desta forma de jogar e a ênfase nestas habilidades, tornando secundários, por exemplo, os investimentos em força corporal e disciplina tática.

E o futebol brasileiro tem sido bem sucedido neste multimilionário mercado mundial, já que produz uma mercadoria específica que, de modo geral, alcança alto valor na transações internacionais. Assim, um dos resultados desta específica combinação de transnacionalismo e nacionalização do futebol é o fato de que os jogadores mais *habilidosos* são rapidamente “exportados”. Raramente há condição de mantê-los no país pois são cobiçados por ricos clubes europeus, oferecendo quantias irrecusáveis por seus passes e salários impagáveis pelos clubes brasileiros⁹.

Um dos efeitos mais importantes deste fenômeno é que, tendo o Brasil se transformado num exportador de *craques*, os torcedores brasileiros só se irmanam e são representados por seus mais valiosos jogadores quando eles jogam pelo selecionado brasileiro. Se, por um lado, isso é motivo de orgulho nacional, pois aqui são produzidos *craques* reverenciados no mundo todo, por outro lado é também um signo da *pobreza* de um país que não pode manter em seu solo seus produtos mais valiosos. Um jogador que se destaca, jogando por um clube brasileiro, tem seu destino selado: em muito pouco tempo estará jogando por um clube europeu.

há outras dimensões que se acrescentam e diferenciam a *habilidade argentina ou uruguaia* daquela dos *brasileiros*.

⁹ Na verdade, o investimento de clubes europeus nos jogadores brasileiros começa, ainda, na infância de muitos meninos, fenômeno já anotado por jornalistas mas que ainda não foi objeto de qualquer análise de cientistas sociais.

Dentre os jogadores brasileiros que são “exportados”, vários são escolhidos para compor o selecionado nacional de futebol, ou seja, o conjunto daqueles que a comissão técnica da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) considera, naquele momento, como os melhores jogadores brasileiros. Isto será decisivo nas avaliações da derrota do selecionado brasileiro para o time francês, em 1998. Por essa via, as formas assumidas pela repercussão da derrota, trouxeram, do ponto de vista dos significados que atualizaram e recriaram, uma grande “modernidade”. É este o segundo ponto da minha comunicação, ao qual passo agora.

Os heróis nacionais “estrangeiros”

Um dos motivos pelos quais, no Brasil, pode-se afirmar que o futebol é um esporte nacional é o fato de as avaliações sobre a nação e os brasileiros serem provocadas por todos os desempenhos do selecionado nacional, quer vitorioso quer derrotado. Este é um importante diferencial do futebol como significante, como veículo para as representações coletivas associadas a esta “comunidade imaginada” Brasil. Não significa que outros esportes não tenham potencial de encarnar esta representação. É exatamente o contrário: qualquer outro esporte pode encarnar a nação brasileira. Não há, absolutamente, necessidade de ser difundido ou “popular”. Temos visto este processo, nos últimos anos, com o automobilismo e o tênis, esportes bastante inacessíveis à grande maioria da população. A única e necessária condição para que qualquer outro esporte seja considerado como representativo da nação é colecionar vitórias em competições internacionais. Nestes casos, a transferência de suas glórias para o orgulho nacional é imediata e entusiástica. Contudo, a manutenção do interesse nestes esportes está, até aqui, na dependência imediata de uma certa continuidade neste sucesso e, na

maioria das vezes, na dependência de alguns poucos heróis isolados (indivíduos ou times). Sua representatividade é eventual e não resiste às derrotas. Ou seja, se o triunfo é imediata e facilmente socializado, o mesmo não ocorre com o fracasso que, de modo geral, é, simplesmente, ignorado¹⁰, não redundando em avaliações sobre o Brasil e os brasileiros.

Ao contrário, as derrotas do selecionado nacional de futebol, particularmente nas Copas do Mundo (e isso mais especialmente a partir de 1950), são ocasiões plenas de significado pois, nesses momentos, atravessando análises aparentemente neutras, que parecem debater apenas técnicas e táticas, discute-se e negocia-se uma série de valores e idéias que atravessam a sociedade. As avaliações das derrotas acompanham, muito de perto, os fenômenos sócio-econômicos e as conjunturas políticas específicas em que se inserem. De certo modo, há uma história do Brasil que pode ser recuperada e contada através da história de como nos avaliamos nas Copas do Mundo, conjugando, de um modo especial, a criação de um tempo suspenso (“ahistórico”) e formas de tematizar as questões sócio-econômico-políticas que estruturam nosso cotidiano.

Sob tal ponto de vista, a Copa do Mundo de 1998 é uma das mais significativas pois, nos debates que se seguiram à derrota brasileira, aparece, sob duas formas interligadas, mas distintas, uma espécie de moralidade jacobina, tematizando a ameaça que os mercados transnacionais representam. De certo modo, nestas avaliações, a condição brasileira de “país exportador de *craques*” é colocada em questão e os distintos modos de recrutamento (a “pátria” e o “mercado”) são claramente incompatibilizados.

Os eventos são sobejamente conhecidos: o selecionado brasileiro habilita-se para o jogo final contra a França e perde por três gols a zero, num desempenho considerado

¹⁰ Venho desenvolvendo algumas das conseqüências simbólicas deste poder representacional do futebol

pela imprensa esportiva como *pífio*. Mas a avaliação da derrota, como sói acontecer com tudo que cerca o selecionado brasileiro de futebol, não se restringe ao que acontece nos noventa minutos da partida. Neste caso, centra-se, insistentemente, no episódio que ficou conhecido como o *drama de Ronaldinho*¹¹, produzindo e reproduzindo narrativas e questionamentos sobre o que teria acontecido com o jogador, considerado o maior *craque* brasileiro de então, jogador de um grande clube italiano, projetado para ser o grande herói nacional brasileiro desta Copa do Mundo.

Nos intensos debates que se seguiram a este jogo, o que se explicita, nas tentativas de interpretação do acontecido envolvendo a escalação do jogador, é uma tematização reiterada da interferência das grandes firmas transnacionais, patrocinadoras das seleções e do evento, nas decisões tomadas pela equipe técnica do selecionado brasileiro. Ou seja, dito de outro modo, tematiza-se e discute-se, o valor *pátria* ou *nação* versus o poder misterioso e apátrida do mercado. Discute-se, por esta via transversa, esta nova abertura dos portos às nações estrangeiras. Na verdade, não importam muito, sob tal ponto de vista, as conclusões (ou indefinições) deste debate: o que importa é que tomou conta do país e todos se posicionavam em relação a este tema.

A ameaça que o mercado transnacional representa para a nacionalidade também se apresenta, neste momento, sob uma outra forma, correlata a esta primeira, recuperando-se, mais especificamente, através da nossa posição de *exportadores de craques*. Uma categoria assume, a partir daí, importância central nas avaliações do futebol brasileiro: os jogadores do selecionado nacional são divididos entre os *estrangeiros* e/ou *européus*, aqueles contratados por clubes europeus, e os que ficaram no Brasil, em geral com cotação mais baixa neste mercado.

há alguns anos. Ver Guedes, 1998.

¹¹ Analisei, em outro lugar, com mais detalhes, algumas das implicações simbólicas deste episódio. Ver Guedes, 2000b.

Uma dimensão importante desta discussão que opõe o mercado à *pátria* concentra-se no paradoxo de que os principais *heróis nacionais brasileiros*, neste rito, são os *estrangeiros* ou *européus*. Devo lembrar, aqui, que utiliza-se, no Brasil, uma categoria muito significativa para a escolha do selecionado: *convocação*. Os jogadores são *convocados* para a seleção brasileira de futebol tal como os jovens são *convocados* para o serviço militar obrigatório e os soldados para a guerra. A presença na seleção brasileira de futebol é, ao mesmo tempo, uma *honraria* e um *dever* mas, sem dúvida, representa também a possibilidade de ganhar milhões de dólares pois é signo de valor que transforma-se em valor monetário, quase que imediatamente.

A culpabilização dos *jogadores estrangeiros* ou *européus* do futebol brasileiro pela derrota na Copa do Mundo envolve, com bastante clareza, uma avaliação moral que passa pela trajetória da maioria dos jogadores. Em geral, pobres que enriqueceram, são acusados de esquecerem a vida de pobreza, esquecendo e negando suas origens no sentido mais amplo: sua gente, seu país, seus valores (GUEDES, 2000b). Acusados, direta ou indiretamente, de não se empenharem suficientemente para a obtenção da vitória, de não lutarem, são acusados, de fato, como traidores da *pátria*. A acusação, em resumo, é de que teriam se *vendido*, servindo ao *mercado* ao invés de *servir à pátria*.

Esta avaliação toma uma forma cada vez mais clara, sendo o eixo posterior da discussão acerca do desempenho do selecionado nas eliminatórias para a Copa de 2002, considerado, até aqui, como *decepcionante*.

As categorias *estrangeiros* e *européus* do futebol brasileiro, intercambiáveis e sinônimas, vão concentrando, cada vez mais, um conjunto amplo de significados e começam a ser capazes de, por sua simples enunciação, evocá-los a todos. Evocam, mais especialmente, um movimento de resistência da *pátria de chuteiras*, na expressão famosa de Nelson Rodrigues, contra a ameaça do mercado transnacional. Estas

categorias difundem-se rapidamente, figuram nos mais diversos textos jornalísticos, são utilizadas nos debates e transmissões radiofônicas e televisivas, alcançam os torcedores. Um dos mais importantes comentaristas esportivos brasileiros, Márcio Guedes, por exemplo, escreve:

O treinador até já passou da hora de dar uma guinada decisiva que será uma mistura de definir o time esquecendo o laboratório e dando prioridade aos jogadores que atuam no Brasil. Ninguém agüenta mais a preguiça e o descompromisso dos “europeus”.

(Márcio Guedes, O Dia, 17/08/2000)

Exatamente no mesmo diapasão, um outro importante cronista do futebol brasileiro, Sérgio Noronha, elogia o jogador Romário, herói de outra copa, a de 1994:

O espírito olímpico não depende da idade, a julgar pela reação de Romário, mas certamente depende da vontade e do brio do atleta que considera a medalha da competição uma honra, mais importante que um punhado de dólares.

E conclui de modo extremamente significativo:

Mais vale um atleta com o coração nos pés do que três com a cabeça nas cifras.

(Sérgio Noronha, Jornal do Brasil, 19/08/2000)

Nestes debates, o futebol configura-se, assim, como campo de batalha em que se procura defender a *honra e a diversidade nacionais* contra os mecanismos avassaladores dos mercados transnacionais. A eleição dos *heróis nacionais estrangeiros* como foco simbólico na avaliação do desempenho do selecionado nacional, tanto na final da Copa do Mundo de 1998 quanto nos jogos que se seguiram, traz, para o interior

das quatro linhas dos gramados de futebol, discussões mais densas sobre o quê, afinal, é uma nação nestes tempos modernos. Mais do que isso, dialoga com debates político-econômicos, terrenos considerados mais “sérios” (mas, certamente, não mais apaixonados). Incorporado no viés crítico que é inerente às categorias classificatórias *estrangeiros* ou *européus* está o projeto político de manter a *pátria brasileira* como valor inquestionável pairando sobre organizações econômicas e políticas que visam explodir todas as fronteiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. Imagined Communities. Reflections on the origin and spread of nationalism. London, New York: Verso, 1991.
- CALDAS, Waldenyr. O Pontapé Inicial. Memória do futebol brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- DA MATTA, Roberto. *Antropologia do óbvio*. Revista Usp: Dossiê Futebol. São Paulo, 22, jun/ago. 1994.
- DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro, Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion. México: Fondo de Cultura Economica, 1992.
- GUEDES, Simoni Lahud. *Malandros, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis*. In Laura G. Gomes, Livia Barbosa e José Augusto Drummond (orgs.), O Brasil não é para principiantes: Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 125-142, 2000b.

GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: Eduff, 1998.

GUEDES, Simoni Lahud. *Tempo da Nação*. Comunicação apresentada à Anpuh Regional, Rio de Janeiro, 2000a.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e História*. Antropologia Estrutural II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.